

O PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA: O PERFIL DO EDUCADOR DIANTE DAS TRANSFORMAÇÕES NO ENSINO DA LÍNGUA MATERNA¹

Claudimar Paes de Almeida²
Viviane Braz Nogueira³

RESUMO

O trabalho intitulado “O professor de Língua Portuguesa: O perfil do educador diante das transformações no ensino da Língua Materna” tem como objetivo fazer uma reflexão a respeito do perfil do professor de Português diante das mudanças no ensino da Língua Materna. Com base nos aportes teóricos, o trabalho com a língua materna é um processo indispensável na formação do aluno como também o papel do professor de Português como mediador na construção da autonomia do aluno e o perfil desse educador para o ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa. A metodologia adotada foi delineada por meio de um estudo bibliográfico, associado às entrevistas semiestruturadas com docentes e discentes da disciplina de Língua Portuguesa para relacionar teoria e prática. A pesquisa mostrou a necessidade de linhas de ações que contribuam na construção de um ensino renovador caracterizado por uma nova realidade social, a partir das práticas de ensino-aprendizagem do português, além da adoção de uma nova postura do professor diante da mudança linguística com vistas ao desenvolvimento da competência linguística por meio do ensino da Língua Materna.

Palavras-chave: Ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa; Formação de Professor; Língua Portuguesa.

ABSTRACT

The article "The Portuguese teacher: The profile of the teacher in front of the changes in Maternal Language " has as objective contribute to a discussion about teacher's profile in Portuguese in front of the changes in the Maternal Language teaching. Based on the theoretical contributions were made reflections about language as an essential process to the student's formation. It takes into consideration the teacher's role as a mediator in the construction of the student's autonomy and this educator's profile for the teaching-learning of Portuguese language. The methodology was designed by a bibliographical study, linked to semi-structured interviews with teachers and Portuguese students to make a relation between theory and practice. This research has shown it is necessary creating lines of actions in Portuguese teaching according to the new social reality, taking into consideration the practices of teaching and learning Portuguese, besides adopting a new attitude as a teacher in front of the changes in language. And this aims to promote the development of the linguistic competence by the maternal language teaching.

Keywords: Teaching and learning of Portuguese Language; Teacher Training; Portuguese Language.

1. INTRODUÇÃO

Vive-se em um século marcado por diversas transformações, sejam elas sociais, culturais, econômicas e políticas, no qual o avanço tecnológico e os processos científicos intensificam-se cada vez mais, e para acompanhar essas transformações é necessário que se

¹ Artigo científico apresentado à banca de examinadores do Curso de Letras da UFAM/IEAA como requisito obrigatório da disciplina de TCC (Trabalho de Conclusão de Curso).

² Graduando do Curso de Letras: Língua Portuguesa e Língua Inglesa na Universidade Federal do Amazonas.

³ Orientadora e Professora do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente. Universidade Federal do Amazonas.

ocorra diversas revisões e reformulações, principalmente no que diz respeito à educação, em especial, ao ensino da Língua Portuguesa.

Por muito tempo, a educação tradicional predominou no ensino da Língua Portuguesa, no qual não se levava em consideração a realidade e o interesse dos alunos, o texto era utilizado para ensinamentos de valores morais, tratamentos visualizados nos aspectos gramaticais normativos, sem respeitar as formas de oralidade e as variedades linguísticas utilizadas pelos alunos, o ensino descontextualizado era interligado a exercícios mecânicos e frases soltas, etc.

Ainda hoje, persistem práticas inadequadas, que não se encontram condizentes em relação ao ensino da Língua Portuguesa e que não colaboram de forma significativa para que o aluno amplie sua competência linguística, seja escrita ou oral. As demandas de mudanças são eminentes, e isso requer um compromisso por parte da escola e, principalmente do professor que não pode ausentar-se do pleno exercício da cidadania para com os seus alunos. A Língua Portuguesa não pode desfazer-se de ser uma disciplina que colabore na formação de pessoas críticas, participativas, atuantes, seja em seu aspecto social ou político e, o professor de Português exerce a função primordial de ser o mediador desse processo ensino-aprendizagem, ao estimular em suas aulas o domínio das mais diversas formas de linguagem.

Nessa perspectiva, o presente trabalho tem por objetivo realizar uma reflexão acerca do perfil do professor de Língua Portuguesa diante das transformações da Língua Materna, de forma a compreender melhor as diversas reflexões acerca do tema, o trabalho partiu da metodologia de um estudo bibliográfico, associado às entrevistas semiestruturadas com docentes e discentes da disciplina de Língua Portuguesa das Escolas do Município de Humaitá-AM. Os aspectos conceituais e analíticos sobre o perfil do professor de Português serão baseados nos teóricos Antunes (2003), Cunha (1989), Freire (1996), Luft (2008), PCN (1998), Vasconcellos (2001), entre outros.

2. ASPECTOS TEÓRICOS

2.1 A prática dos professores de Língua Portuguesa

O atual contexto de mudanças nos remete a pensar em diversas questões que precisam ser reelaboradas e repensadas. A (re) definição do papel do ensino da Língua Portuguesa deve partir de uma necessidade real, no qual, se deve deixar o sentido tradicional de lado e procurar

um novo sentido para a mesma. Há a necessidade de mudança de paradigma, estas têm que estar associadas a novos valores e democratização social e econômica.

No entanto, além do educando existe uma peça que tem grande importância no espaço educacional, o professor. É deste profissional e em especial do professor de Língua Portuguesa que não deve ausentar-se desse grande momento histórico atual, e a partir dessa disciplina colaborar de forma significativa na vida das pessoas e na sociedade.

Ressalta Antunes (2003, p. 15):

O momento nacional é de luta, de renovação e incita a mudança, a favor de uma participação cada vez maior de toda a população e de um exercício cada vez mais pleno da cidadania. O professor não pode ausentar-se desse momento nem, tampouco, estar nele de modo superficial. O ensino da língua portuguesa também não pode afastar-se desses propósitos cívicos de tornar as pessoas cada vez mais críticas, mais participantes e atuantes, política e socialmente.

O professor de Português por meio do ensino da língua deve colaborar para que o aluno possa ser um cidadão atuante no meio em que vive, ele (o professor) tem que colocar-se como um instrumento presente e não simplesmente ficar a margem dos acontecimentos reais do dia a dia, contribuindo assim para formar educandos participantes nas decisões diante das questões sociais.

Acredita-se que é por meio da linguagem que as pessoas interagem e tem uma participação efetiva na sociedade, não cabe mais ao professor de Português ensinar de forma fragmentada, ou seja, ater-se em meras codificações de palavras soltas, detendo-se, simplesmente em questões de análises sintáticas. Destaca Antunes (2003, p. 16):

Apesar de muitas “análises sintáticas”, apesar de muitas vezes nos darmos ao insano (e inglório!) trabalho de tentar diferenciar um “adjunto adnominal” de um “complemento nominal”, e outros pormenores classificatórios, apesar de tanto quebrar a cabeça com essas irrelevâncias metalinguísticas, faltou tempo – e talvez capacidade – para se descobrir as regularidades do funcionamento interativo da língua, *que somente acontece por meio de textos orais e escritos*, em práticas discursivas as mais diversas, conforme as situações sociais em que se inserem.

O processo discursivo é um grande instrumento de valorização das mais variadas situações reais do uso da língua, pois, são através de diversos textos que veiculam na sociedade com suas mais diversas situações de uso que podem contribuir na construção de uma participação efetiva na sociedade. É necessário que se conheça as regularidades do funcionamento interativo da língua, se não há a abertura para essa perspectiva o professor de Português acabará caindo num processo monótono e, criando um ambiente em sala de aula, na

qual as nomenclaturas gramaticais predominam, tornando o ensino desta disciplina um momento sem prazer e sem importância. Segundo Antunes (2003, p. 16):

Se o que predomina nas aulas de Português continua sendo o estudo inócuo das nomenclaturas e classificações gramaticais, ir à escola e estudar português pode não ter muita importância, principalmente para quem precisa, de imediato, adquirir competências em leitura e em escrita de textos. Ou mesmo para quem precisa ter uma certa fluência e desenvoltura no exercício mais formal da comunicação oral. Certamente, há alguém ou alguns que tiram proveito da manutenção desses padrões de ensino da língua – padrões que, na verdade, só “despistam” a atenção e embotam a criticidade das pessoas para perceberem o que, de fato, se pode fazer e se pode sofrer pelo domínio da palavra. Enquanto o professor de português fica apenas analisando se o sujeito é “determinado” ou “indeterminado”, por exemplo, os alunos ficam privados de tomar consciência de que ou eles se determinam a assumir o destino de suas vidas ou acabam todos, na verdade, “sujeitos inexistentes”.

O professor de Português tem função primordial e colaborativa na ampliação das potencialidades comunicativas dos alunos, é necessário que este educador empenhe-se no processo de mudança, investindo em verdadeiras práticas políticas e planejamento para que estes sejam ferramentas colaborativas no exercício consciente e pleno da verdadeira cidadania. Nesse sentido Antunes (2003, p. 34) salienta que:

A complexidade do processo pedagógico impõe, na verdade, o cuidado em se prever e se avaliar, reiteradamente, *concepções* (O que é a linguagem? O que é a língua?), *objetivos* (Para que ensinamos? Com que finalidade?), *procedimentos* (Como ensinamos?) e *resultados* (O que temos conseguido?), de forma que todas as ações se orientem para um ponto comum e relevante: *conseguir ampliar as competências comunicativo-interacionais dos alunos*.

O professor deve ter iniciativa para que a aprendizagem se concretize verdadeiramente. Adotar uma atividade pedagógica que implique nas mudanças de atitudes, na reflexão da situação real, tanto do aluno quanto de sua posição social, já é um grande passo para a formação integral do mesmo.

Segundo o PCN (1998) de Língua Portuguesa o ensino do Português deve pautar-se em um ensino crítico, em que o professor possa abordar com liberdade as variantes linguísticas e dessa forma, o aluno possa adquirir a competência linguística, no qual defenderá seu ponto de vista, e apresentará críticas, além de compartilhar seus conhecimentos no meio social onde vive. Assim destaca o PCN (1998, p. 34):

Ao tomar a língua materna como objeto de ensino, a dimensão de como os sujeitos aprendem e de como os sujeitos desenvolvem sua competência discursiva não pode ser perdida. O ensino de Língua Portuguesa deve se dar num espaço em que as práticas do uso da linguagem sejam compreendidas em sua dimensão histórica e em

que a necessidade de análise e sistematização teórica dos conhecimentos linguísticos decorra dessas mesmas práticas.

Entende-se que é a partir da reflexão da prática da língua e da linguagem, que se podem possibilitar instrumentos que viabilize a construção do aluno em relação ao desenvolvimento da competência discursiva, dentro das habilidades do ler, escrever, escutar e falar, e que estas possam ser utilizadas em diversas situações para que ocorra assim a interação do aluno ao meio em que vive.

Nesse panorama, o professor de Português deve abarcar-se do compromisso de quebrar velhos conceitos, paradigmas, desapegando-se de velhas metodologias rotineiras, que não levam no seu mais profundo teor, a participação atuante do aluno. Deve proporcionar um espaço, no qual o texto seja um instrumento de viabilização para o aprendizado.

É importante ainda que o professor se preocupe em não limitar, tratando o texto de forma uniforme, e não dando abertura as mais variadas formas de textos presentes na sociedade, assim “[...] o professor deve preocupar-se com a diversidade das práticas de recepção dos textos: não se lê uma notícia da mesma forma que se consulta um dicionário; não se lê um romance da mesma forma que se estuda”. (PCN 1998, p. 70)

De acordo com o PCN (1998) a língua pauta-se na interação, promovendo a competência do aluno à leitura, a produção de textos orais e escritos e ao discurso. Compreende-se ainda que, boa parte dos materiais didáticos existentes, por mais que estejam incluídos os diversos gêneros, ainda trabalha-se de forma uniforme, não levando em conta sua construção de sentidos. Cabe então ao professor de Português torna-se esse mediador que deve pensar constantemente em sua prática educativa, e isso requer um estado permanente de re (descobertas) e re (invenções), a partir daí “[...] o professor encontra condições para deixar de ser mero repetidor de uma lista de conteúdos, iguaizinhos de ano a ano, em qualquer lugar e situação – conteúdos, muitas vezes, alheios à língua que a gente fala, ouve, escreve e lê”. (ANTUNES, 2003, p. 35)

Neste contexto, o professor a partir da construção de uma nova concepção de ensino-aprendizagem, deve proporcionar meios para que o ensino da língua materna seja eficaz, e isso só funcionará no momento em que esse educador tomar como referência o cotidiano dos seus alunos, ou seja, a realidade em que eles vivem. Enfatiza Antunes (2003, p. 36):

Dessas implicações, por sua vez, derivam práticas ou os procedimentos concretos que cada professor, na vida diária com seus alunos, vai inventando. Já não há mais lugar para o professor simplistamente repetidor, [...], que fica, passivo, à espera de que lhe digam exatamente como fazer, como “passar” as noções que lhe ensinaram.

Os princípios são o fundamento em que o professor vai apoiar-se para criar suas opções de trabalho. O novo perfil do professor é aquele do pesquisador, que, com seus alunos (e não, “para” eles), produz conhecimento, o descobre e o redescobre. Sempre.

Portanto, se o docente unir a postura do pesquisador, ao assumir um novo perfil do professor diante das transformações vigentes, comprometendo-se de forma efetiva na construção de uma nova prática pedagógica e social, acredita-se que ele estará contribuindo de modo eficaz no processo de edificação da aprendizagem do aluno, e cumprindo seu papel histórico e social na sociedade em que vive. Assim, favorecerá uma autonomia que compreenda sua reflexão e auto-reflexão de estar no mundo, e que necessita ser um agente ativo e participativo na construção e transformação da sociedade.

2.2 O ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa na escola

Há muito tempo vem se discutindo acerca do processo ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa. Diante desse contexto, o PCN nos aponta três variáveis que devem ser levados em consideração durante o ensino-aprendizagem da referida disciplina. São elas: “o aluno”, “os conhecimentos com os quais se opera nas práticas de linguagem” e “a mediação do professor”. (PCN, 1998, p.22)

Nesse sentido, as articulações variáveis são vista pelo PCN (1998, p. 22) da seguinte forma:

O primeiro elemento dessa tríade – o aluno – é sujeito da ação de aprender, aquele que age com e sobre o objeto de conhecimento. O segundo elemento – o objetivo de conhecimento – são os conhecimentos discursivo-textuais e linguístico implicados nas práticas sociais de linguagem. O terceiro elemento da tríade é a prática educacional do professor e da escola que organiza a mediação entre sujeito e o objeto do conhecimento.

O aluno nessa reflexão é o instrumento ao qual deve ser dado o foco principal, pois é ele que traz já consigo um conhecimento em particular do qual adquiriu em sua convivência familiar, ele é o agente. Nesse direcionamento o processo de ensino-aprendizagem ocorre quando, o conhecimento linguístico e discursivo produz a participação do meio social, mediado através da linguagem. Por último, mas não menos importante, o professor, sua intervenção é primordial. Ele deve atuar como mediador (quem intercede, faz a mediação) e não como ditador (que exerce poder absoluto, despótico, autoritário). Por conseguinte, ele

deve criar e organizar situações que proporcione ao aluno o aprendizado. O PCN (1998, p.22), afirma que:

[...] planejar situações de interação nas quais esses conhecimentos sejam construídos e/ou tematizados; organizar atividades que procurem recriar na sala de aula situações enunciativas de outros espaços que não o escolar, considerando-se sua especificidade e a inevitável transposição didática que o conteúdo sofrerá; saber que a escola é um espaço de interação social onde práticas sociais de linguagem acontecem e se circunstanciam, assumindo características bastante específicas em função de sua finalidade: o ensino.

Para que isso se concretize, a preocupação do professor e da escola em relação à aprendizagem não deve estar direcionada somente a admissão de informações, mas para a formação e construção da cidadania do aluno. A escola deve ser a criadora de espaço que proporcione ao aluno interação social, colaborando assim de forma significativa no seu aprendizado. Nesse direcionamento é preciso que o professor compreenda que ele é um facilitador, e que precisa ter em sua prática sentimentos de percepção da realidade de seus alunos, levando-os assim a se realizarem. Deve-se levar em consideração também que o conhecimento não se constrói individualmente, pois este vem abarcado por marcos social e cultural. Nessa intermediação proporcionada pelo professor, deve este direcionar conteúdos que garantam através da reflexão e ação a aprendizagem efetiva.

Nesse contexto, destaca o PCN (1998, p. 22):

Ao professor cabe planejar, implementar e dirigir as atividades didáticas, com o objetivo de desencadear, apoiar e orientar o esforço de ação e reflexão do aluno, procurando garantir aprendizagem efetivas. Cabe também assumir o papel de informante e de interlocutor privilegiado, que tematiza aspectos prioritários em função das necessidades dos alunos e de suas possibilidades de aprendizagem.

O professor não será nessa perspectiva um instrumento de ensino das regras gramaticais como no ensino tradicional, que busca como objetivo principal o método de decorar conceitos, entretanto, atuará como participante fundamental no processo ensino-aprendizagem. É ele que desencadeará formas diversas de atividades que possam levar o aluno a indagar, refletir, questionar, etc. É nesse caminho dialogal, que o aluno se sentirá participante e conseqüentemente, ser ativo, atuante e essencial na sua própria aprendizagem. Por conseguinte, o que se busca como objetivo principal, é que o aluno desfrute com capacidade a linguagem em função da cidadania. O PCN (1998, p. 24) fomenta:

Uma rica interação dialogal na sala de aula, dos alunos entre si e entre o professor e os alunos, é uma excelente estratégia de construção do conhecimento, pois este permite a troca de informações, o confronto de opiniões, a negociação dos sentidos, avaliação dos processos pedagógicos em que estão envolvidos.

Dentro dessas alternativas, deve-se considerar outro ponto também importante, o de que o professor deve estar atento as mudanças ocorridas e as situações reais no seu tempo, à medida que, essas mudanças colaboram na importância e nos valores da utilização da linguagem, e estas são de determinada forma, parte de um processo histórico que se modifica conforme as transformações sociais de cada momento. “[...] atualmente, exigem-se níveis de leitura e de escrita diferentes dos que satisfazem as demandas sociais até há bem pouco tempo – e tudo indica que essa exigência tende a ser crescente”. (PCN, 1998, p. 23) Para atender a essas diversas demandas, torna-se necessário avaliar as formas de ensino presentes nas escolas.

Portanto, o professor deve considerar que as demandas vigentes exigem novos olhares em relação as suas práticas, e que tanto a escola quanto o professor devem colocar-se em novas tomadas de decisões, colaborando assim para a formação expressiva na vida dos alunos.

2.3 Professor de Português: o que se espera desse educador

O professor deve estar atento às diversas mudanças ocorridas na sociedade e suas metodologias devem estar adequadas a essa realidade do educando, melhorando assim a qualidade de ensino. É importante enfatizar que, o professor além de ter esta visão mais ampla da realidade, deve ter um bom relacionamento com sua área de conhecimento para que a produção ocorra, pois “a forma como o professor se relaciona com sua própria área de conhecimento é fundamental, assim como sua percepção de ciência e de produção do conhecimento. E isto é passado para o aluno e interfere na relação professor-aluno; é parte desta relação”. (CUNHA, 1989, p. 71)

Dessa forma, ao considerar que o aluno seja um sujeito histórico, social e cultural, o professor enquanto mediador do ensino-aprendizagem irá contornar as problemáticas existentes em sala de aula, e isso só se dará através de uma boa relação, a mesma é uma das ferramentas que contribui com grande relevância no comportamento, atitude, e na formação integral do indivíduo. Nessa relação está uma das peças fundamentais que é o diálogo, é por meio dele que haverá aberturas para uma aprendizagem mais reflexiva e contínua. Segundo Freire (1996, p. 136):

Viver a abertura respeitosa aos outros e, de quando em vez, de acordo com o momento, tomar a própria prática de abertura ao outro como objeto da reflexão crítica deveria fazer parte da aventura docente. A razão ética da abertura, seu fundamento político, sua referência pedagógica; a boniteza que há nela como viabilidade do diálogo. A experiência da abertura como experiência fundante do ser inacabado que terminou por se saber inacabado. Seria impossível saber-se inacabado e não se abrir ao mundo e aos outros à procura de explicação, de respostas a múltiplas perguntas. O fechamento ao mundo e aos outros se torna transgressão ao impulso natural da incompletude.

Logo, percebe-se que um bom relacionamento professor-aluno deve fazer parte da prática educativa, por isso o clima em sala de aula deve ser complementado a partir do ouvir, refletir e discutir. Este deve estabelecer uma relação empática, criando pontes que estabeleçam essa abertura ao mundo e aos outros que se encontram a sua volta, tornando-se assim um ser na sua completude, pois quebra as barreiras que o limita e as correntes que lhe aprisiona. Isso se concretiza mais ainda quando o professor se coloca a criar um clima agradável e positivo em sala de aula, pois “o “senso de humor do professor”, o “gosto de ensinar”, “o tornar a aula agradável, interessante” (CUNHA, 1989, p. 72), fundamenta-se como ferramentas construtoras da aprendizagem significativa.

Outra característica é a metodologia do professor, esta também colabora de forma satisfatória para o aprendizado. O método tradicional não contribui de forma significativa na aprendizagem, uma vez que o aluno de hoje está presente em um ambiente onde tudo é veloz, as transformações ocorrem rapidamente. Pode-se ressaltar que este aspecto está entrelaçado na relação professor-aluno e, destacar que a metodologia do professor não deve estar presentes métodos que acorrem os alunos, ou melhor, que os isolem da participação, e para isso alerta Cunha (1989, p.71):

A título de exemplo, gostaria de referir que entre as características dos melhores professores estão: “torna as aulas atraentes”, “estimula a participação do aluno”, “sabe se expressar de forma que todos entendam”, “induz à crítica, à curiosidade e à pesquisa”, “procura formas inovadoras de desenvolver a aula”, “faz o aluno participar do ensino” etc.

É dentro desse formato que se devem ser estimuladas as práticas que conduzem a aprendizagem, assim liberta-se e forma-se alunos atuantes e comprometidos com a transformação de si mesmos e do meio que vivem. É importante frisar, que em nenhum momento coloca-se aqui o professor como modelo de perfeição, mas estas características devem fazer parte da prática do dia a dia da sala de aula, pois o aluno valoriza também “o professor que é exigente, que cobra a participação e tarefas”. (CUNHA, 1989, p.71)

Segundo o PCN (1998, p. 67):

A formação de professores se coloca, portanto, como necessária para que a efetiva transformação do ensino se realize. Isso implica revisão e atualização dos currículos oferecidos na formação inicial do professor e a implementação de programas de formação continuada que cumpram não apenas a função de suprir as deficiências da formação inicial, mas que se constituam espaços privilegiados de investigação didática, orientada para a produção de novos materiais, para a análise e reflexão sobre a prática docente, para a transposição didática dos resultados de pesquisas realizadas na lingüística e na educação em geral.

A formação do professor é um instrumento que conduzirá sua prática em sala de aula, é necessário que este profissional compreenda que este elemento é integrante de um todo, pois “o professor que não leva a sério sua formação, que não estude, que não se esforce para estar à altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe”. (FREIRE, 1996, p.92) Não se levanta aqui dúvida da capacidade do professor e nem se coloca como primordial sua competência científica, determinando-o como competente ou não a partir deste ponto de vista, até porque existem professores com grande competência científica, mas que se complementam de atitudes autoritárias a todo o momento. Porém, o que se pretende ressaltar é que “a incompetência profissional desqualifica a autoridade do professor”. (FREIRE, 1996, p.92)

O contexto social é um aliado do qual o professor deve analisar e levar em consideração como fator relevante para a sua prática, pois o mesmo deve estar apto a compreender e a receber as mudanças da sociedade, e por consequência mediar, refletir e transmitir as ideias e os valores do momento atual, que em dado momento são exigentes e passam por várias sucessões de desenvolvimento. Nesse contexto nos alerta Demo (1993, p. 153):

[...] ensinar já não significa transferir pacotes sucateados, nem mesmo significa meramente repassar o saber. Seu conteúdo correto é motivar o processo emancipatório com base em saber crítico, criativo, atualizado, competente. Trata-se, não de cercar, temer, controlar a competência de quem aprende, mas de abrir-lhe a chance na dimensão maior possível. Não interessa o discípulo, mas o novo mestre, entre o professor e o aluno não se estabelece apenas hierarquização verticalizada, que divide papéis pela forma do autoritarismo, mas sobre tudo um confronto dialético. Este alimenta-se da realidade histórica formada por entidades concretas que se relacionam de modo autônomo, como sujeitos sócios plenos.

É relevante ressaltar que o método acima citado não é utilizado por todos os professores, muitos ainda não estão abertos a receberem os acontecimentos atuais sejam eles culturais ou sociais e, por vez não estão qualificados ou por algum motivo não se adaptam ao processo. Pode-se dizer ainda que os mesmos estão amarrados ao modelo de sua formação e

poucos percebem que o ensino vem sofrendo mudanças assim como a sociedade atual, e para isso é necessário que o educador sofra e queira passar pela emancipação, livrando-se do ensino que por vez enxerga o aluno como mero baú que simplesmente se deposita algo (conteúdo) e que este não sofre nenhuma transformação.

A formação do professor nos dias atuais ainda deve estar ligada ao domínio do conteúdo, visto que, este deve estar capacitado para interpretar e localizar o mesmo seja historicamente e socialmente, levando a fazer essa conectividade com o cotidiano, conforme nos alerta Cunha (1989, p. 128):

O domínio do conteúdo é também um valor ressaltado. Para alguns, este domínio está bastante relacionado com a prática profissional fora da escola ou da universidade, pois é ela que define a possibilidade de relacionar a matéria de ensino com a vida prática. Ajuda ainda a dar exemplos e favorece a maior instrumentalização do aluno para trabalhar com a realidade.

Não obstante, este conteúdo deve estar associado à vida prática, por isso a formação do professor é de fundamental importância, pois assim estará subsidiado, aplicando o seu saber de modo concreto, relacionando ao mesmo tempo teoria e prática, visto que, “saber teorias é importante, mas é preciso saber aplicá-las à nossa realidade e ainda criar coisas novas de acordo com nossos interesses e recursos”. (CUNHA 1989, p. 128)

Por conseguinte, entende-se que essas características que foram destacadas como, o bom relacionamento entre professor-aluno (afetividade), as formas adequadas para a apresentação do conteúdo (metodologia) e qualificação e domínio de conteúdo (formação), são ferramentas essenciais para o professor dos dias atuais. Só nesse sentido atinge-se de forma eficaz a completude do alvo principal que é o aluno.

2.4 O papel do professor de Português diante das mudanças atuais: o que ensinar para essa peça condutora de transformação que é o aluno?

Velhos paradigmas ainda precisam ser quebrados na prática de ensino do Português. Nessa perspectiva, “urge um ensino de Português que escape da simples retenção de regras gramaticais, estruturados do maniqueísmo purista do *certo* e do *errado* da gramática normativa”. (LOPES, 1999, vi) Para tanto é necessário que o professor de Português esteja atento há essas expectativas, tornando suas aulas momentos privilegiados de aprendizagem, não as distanciando do mundo a sua volta, fazendo com que o aluno externalize de forma espontânea e prazerosa o conhecimento que já possui. Destaca Lopes (1999, vii):

A expressão “*ensino de Língua Portuguesa*” não deve ser tomada como algo exclusivamente exterior, algo que venha de fora para dentro; ao contrário, deve ser entendida como um processo maiêutico, dialético, onde ensinar é fazer emergir da pessoa o conhecimento que esta já possui internalizado.

O professor de Português não deve viver na dicotomia do que realmente ensinar para os alunos. Amparar-se na Gramática Normativa pelo simples esmero de ditar o que fazer e o que não fazer, como falar e como não falar, ditando formas de comportamentos linguísticos, etc., essa metodologia faz com que os alunos se desencontrem do verdadeiro sentido da aula de Português. Este educador deve ter como ponto norteador as situações reais do dia a dia, e essas devem vir abarcadas de observações de que vivemos em uma sociedade, na qual o consumismo, o capitalismo, o individualismo, entre tantos outros contra-valores estão fortemente marcantes, por isso é relevante que se valorize o diálogo dentro das práticas pedagógicas e, que esse deve ser tratado como essência nas aulas de Português. De acordo com Lopes (1999, p.8):

O momento singular da aula de Português deveria oportunizar, aos alunos, descobrimentos e conquistas do mundo por meio do diálogo, pois é “a fortiori” o lugar, por excelência, de práticas dialogais de encontro dos indivíduos mediatizados pelo mundo [...]

O ensino do Português é um momento privilegiado da experiência dialógica, afinal trabalha-se, fundamentalmente, com a linguagem, na qual a palavra não apenas deve dominar o mundo, mas também conduzi-lo e transformá-lo.

Por isso, o professor deve estar atento a abertura desse espaço, no qual haja o rompimento do silêncio existente entre os alunos, proporcionando-lhes momentos propícios para o diálogo e que este esteja ligado ao processo de ação e reflexão. Se o professor não abre esse espaço, ele vai acabar por tornar o ensino da Língua Portuguesa um estorvo na vida do aluno.

Quando se trata da relação do ensino da linguagem, vivenciamos ainda um contexto, no qual a escola e em especial o professor de Português se detém de formula rotineira, se apegando as definições e as regras existentes. Luft (2008, p. 31) ressalta:

Em matéria de aulas de linguagem, infelizmente, a escola continua rotineira e bitolada: acúmulo de definições, regras e exceções, classificações de palavras, listagem de anomalias e irregularidades, conjugações inusitadas, análises, muita análise sintática. E, naturalmente, crase, a cada semestre mais crase, para saber cada vez menos (ou não é exatamente isso que a experiência mostra? [...])

Apegar-se a meras estruturações da língua trazendo-a para a prática como se ela não sofresse transformações, é estar produzindo de certa forma um ensino repressivo. O ensino, no entanto, deve ser tomado pelo panorama de que a língua passa por essas mudanças e que nada é estável, como salienta Bagno (2007, p. 164):

E com a língua não poderia ser de outro jeito. A língua de ontem não é a de hoje, e a de hoje não será a de amanhã: “Tudo o que se vê [*e se fala e se ouve e se lê*] não é igual ao que a gente viu [*e falou e ouviu e leu*] há um segundo”. Por isso, como também diz a canção, “não adianta fugir nem mentir pra si mesmo” – a mudança é inevitável, irrefreável, e o melhor mesmo é aceitá-la, compreender seus mecanismos e aprender a lidar serenamente com ela.

Inevitável é a mudança e com ela se torna imprescindível que o educador do século XXI se enamore pelas mesmas, pois quebrar os velhos modelos é estar aberto a ensinar de forma eficaz e produtiva aos alunos que passam por esse contexto social heterogêneo. Segundo Scherre (2005, p. 93) “o *professor de português* está ensinado gramática normativa, ele NÃO está ensinando *língua materna*, ele NÃO está ensinando *língua portuguesa*. Língua materna se adquire; não se aprende e nem se ensina”.

Nesse caminho, deve o professor trilhar os seus passos, levando em consideração que o aluno já traz internamente a língua antes de ir para escola e, que este deve criar meios para que o aluno a liberte, sofrendo assim um processo de transformação. Destaca Luft (2008, p. 12):

Penso ser urgentíssimo promover uma mudança radical em nossas “aulas de Português”, ou como quer que as chamem: passando de uma postura normativa, purista e alienada, à visão do aluno como alguém que JÁ SABE a sua língua pois, a maneja com naturalidade muito antes de ir à escola, mas precisa apenas LIBERAR mais suas capacidades nesse campo, aprender a ler e escrever, ser exposto a excelentes modelos de língua escrita e oral, e fazer tudo isso com prazer e segurança, *sem medo*.

Por isso o professor de Português não deve cair no erro, de iniciar as práticas de ensino por partes fragmentadas, ou seja, por aquilo que não dá sentido ao todo, como o estudo do som lingüístico ou fonema. Não se quer descartar aqui a decifração e a oralização do escrito, porém este tem importância relativa. A aprendizagem da Língua Portuguesa deve ser considerada num contexto mais amplo “[...] não é possível tomar como unidades básicas do processo de ensino as que decorrem de uma análise de estratos – letras/fonemas, sílabas, palavras, sintagmas, frases [...]” (PCN, 1998, p. 23), nessa decorrência tomaremos essa prática

simplesmente pelo método de análise gramatical, perdendo todo vínculo com a competência discursiva, não levando em consideração a contextualidade.

Não obstante, é relevante citar que há várias situações para o exercício da cidadania, principalmente fora do espaço escolar, pois os alunos terão que ter a capacidade de responder as diversas exigências de fala e das diversas modalidades de gêneros orais presentes no contexto público. Portanto, “[...] cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral no planejamento e realização de apresentações públicas: realização de entrevistas, debates, seminários, apresentações teatrais etc”. (PCN, 1998, p. 25) Nesta reflexão, é necessário que se proponha situações didáticas nas quais tenham sentido a sua aplicabilidade, e para isso é importante que a escola tome para si esta tarefa.

Portanto, as atividades curriculares da Língua Portuguesa devem estar atreladas, principalmente as práticas permanentes “[...] de escuta de textos orais e leitura de textos escritos e de produção de textos orais e escritos [...]” (PCN, 1998, p. 27), logo, partindo das análises e reflexões dos diversos aspectos presentes nos mesmos, cria-se instrumentos favoráveis para que o aluno consiga alargar sua competência discursiva, e que isso se encadeará através da mediação do professor, construindo assim, pontes para a autonomia do discente.

2.5 O professor de Português como mediador na construção da autonomia do aluno

Quando se ouve dizer o que é autonomia, apreende-se que ela é a faculdade ou direito de governar por si mesmo, liberdade. Para isso o professor de Português tem uma grande função que é mediar na construção da autonomia desse sujeito histórico, social e cultural que é o aluno. Sabe-se que o aluno em dado momento ao entrar na escola ainda não tem estruturas suficientes para organizar as ideias que contribuam na sua auto-formação, por isso, necessita de alguém que contribua nesta perspectiva organizacional. Orienta Vasconcellos (2001, p. 58):

O professor, além de ter um importantíssimo papel de dispor os objetos de conhecimento considerados socialmente relevantes, participa deste processo assim como o catalisador na reação química: não entra propriamente na reação, mas, por sua presença e atuação, ajuda a desencadeá-la; é um elemento dinamizador, que *acelera* o processo.

Compreende-se, então, que o professor vai contribuir de forma significativa nos processos de conhecimento socialmente importantes, projetando o aluno para uma relação com o meio e com isto possa ele ter uma visão crítica da realidade em que vive.

Para tanto é de extrema importância que o professor respeite e deixe que a curiosidade do aluno permeie sua vida, quando este busca por meio desta uma significação para sua completude. “O exercício da curiosidade a faz mais criticamente curiosa, mais metodicamente “perseguidora” do seu objeto. Quanto mais a curiosidade espontânea se intensifica, mas, sobretudo, se “rigoriza”, tanto mais epistemológica ela vai se tornando”. (FREIRE, 1996, p. 87).

Criar situações para que essa curiosidade cresça é papel incumbido ao educador, este não deve em nenhum momento intervir nessas possibilidades de abertura ao conhecimento, e nem tomar-se como o que sabe tudo, formando o aluno para ser um mero espectador do que acontece a sua volta. O professor não pode deixar que uma educação “bancária” predomine no ambiente escolar, não dele levar em consideração o processo de ensino-aprendizagem como um ato de depositar e transferir conhecimento, pois “na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que se julgam não saber”. (FREIRE, 2008, p. 67) O aluno precisa se construir enquanto ser e que constituído dessa possibilidade possa fazer valer sua existência. Assim, salienta Freire (1996, p. 59):

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais tênue sinal de uma rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência.

O professor de português não deve permitir que suas práticas, caracterizem-se por uma expectativa que feche o aluno para o mundo, vedando os seus olhos para não enxergar o que esta a sua volta, e oprimir o mesmo para que não ocorram as possíveis indagações. Abrir ao aluno possibilidades de novas concepções, fazendo-o desenvolver o espírito crítico e trabalhando-o para as novas descobertas é muito significativo. Entretanto, deve-se quebrar com a velha visão preceituada de que o professor é aquele que detém todo o saber e o aluno é aquele que não sabe nada.

Não obstante, ainda para que o educador seja um mediador na construção da autonomia do aluno é necessário que ele promova uma educação crítica, não se colocando como mero transferidor de conteúdo, uma vez que se compreende que o ensino não se encerra no

tratamento superficial do conteúdo, todavia deve oferecer condições para que o educando aprenda a pensar criticamente. Porém, é de grande relevância que se leve em conta o conhecimento que o aluno traz do ambiente que não é o escolar.

Ressalta-se que a reflexão que se faz aqui é que o professor de Português não é o construtor da autonomia do aluno e sim um mediador que colabora nessa construção. Segundo Freire (1996) ninguém pode construir a autonomia do outro, e isso não deve ser visto como um favor, mas sim como uma postura ética. A prática educativa está conectada à responsabilidade que, por sua vez, está ligada ao respeito ao estudante, pois “o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros”. (FREIRE, 1996, p.59)

O professor preocupado com a construção da autonomia do aluno defende princípios de liberdade e democracia, sua prática não deve submeter-se a imposição e a arrogância, mas a uma ação progressista e problematizadora, não se limitando em uma educação “bancária”, como comenta Freire (2008, p.77):

A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres vazios a quem o mundo “encha” de conteúdos; não pode basear-se numa consciência espacializada, mecanicamente compartimentada, mas nos homens como “corpos conscientes”. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a de problematização dos homens em suas relações com o homem.

Acredita-se que o professor de Português tem grande importância na mediação para a construção do conhecimento do sujeito (aluno), assim deve trabalhar e levar em conta determinados aspectos como: instigar a solução das diversas necessidades da língua, a disposição dos novos elementos e situações que surgem no cotidiano e a interação como processo de socialização do meio em que vive. Desta forma, o professor contribuirá na reflexão e facilitará o acesso as informações para que o aluno entenda o que ele é, e qual o seu papel na sociedade, fazendo com que ele compreenda que não é mero objeto do mundo, mas sujeito dele, intervindo nas mudanças das quais acredita serem significativas para o bem comum, tornado-se assim sujeito de sua própria história e autonomia.

3. METODOLOGIA

Para que se pudesse estudar o perfil do professor de Língua Portuguesa foi realizado um estudo bibliográfico de teóricos que colaboram nas reflexões sobre o perfil do professor

de português nos dias atuais e de sua atuação diante de mudanças da Língua Materna. Em um segundo momento foi realizada uma pesquisa qualitativa para dar mais embasamento ao trabalho, pois é necessário o envolvimento e contato com a realidade, vivenciando e refletindo sobre as problemáticas encontradas. Segundo Severino (2002, p. 145):

[...] qualquer pesquisa, em qualquer nível, exige do pesquisador um envolvimento tal que seu objetivo de investigação passa a fazer parte de sua vida”; a temática deve ser realmente uma problemática vivenciada pelo pesquisador, ela deve lhe dizer respeito. Não, obviamente, num nível puramente sentimental, mas no nível da avaliação da relevância e da significação dos problemas abordados para o próprio pesquisador, em vista de sua relação com o universo que o envolve. A escolha de um tema de pesquisa, bem como a sua realização é um ato político. Também, neste âmbito, não existe neutralidade.

Nesse sentido, para perceber essa necessidade de reflexão sobre o perfil do professor de Português em relação ao ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa, houve a coleta de dados delineada por meio de questionários com professores de Língua Portuguesa e alunos do Ensino Médio das Escolas Estaduais do Município de Humaitá-AM. Por se tratar de um artigo científico, delimitou-se o número de professores e alunos, haja vista que é grande o número de professores e alunos que estão incluídos no Ensino Médio.

O questionário era composto por questões subjetivas e tinha como principal foco analisar o ensino da língua Portuguesa e o perfil dos professores dessa área. Ressalta-se também que todos os participantes da pesquisa assinaram um Termo de Consentimento Livre Esclarecido que autorizava a análise do questionário desde que os nomes dos entrevistados fossem preservados.

4. ANÁLISE DO *CORPUS* DA PESQUISA

4.1 Em relação aos professores

Nessa parte do trabalho foram analisadas as respostas obtidas por meio dos questionários respondidos por professores de Língua Portuguesa. A coleta de dados foi formada por oito (8) professores que atuam no Ensino Médio das Escolas Públicas Estaduais do Município de Humaitá-AM. Sendo que, entre os entrevistados dois (2) foram do sexo masculino e seis (6) foram do sexo feminino. Os professores entrevistados atuam entre 1 ano e meio a 20 anos na profissão. Possuem idade de 28 a 40 anos. Todos são licenciados na área

de Língua Portuguesa. E por questões éticas os professores entrevistados serão nomeados pelas siglas T1, T2, T3, T4, T5, T6, T7 e T8.

Em referência ao questionário feito para os professores os resultados foram os seguintes:

Quanto à questão sobre como deve ser a aula de Língua Portuguesa foi possível perceber que os professores desejam que as aulas devam ser dinâmicas, participativas, atrativas e que prendam a atenção dos alunos, com práticas de atividades variadas que envolvam leitura e escrita, voltada para a diversidade linguística, envolvendo a realidade do aluno, com recursos áudio visuais e divididas em gramática e literatura. Segundo os professores:

- “- A aula de Língua Portuguesa deve ser através de atividades variadas, principalmente as que envolvem a prática da leitura e escrita”. (T4)
- “- Para mim a aula de Língua Portuguesa tem que ser a mais atrativa possível, pois neste mundo globalizado é difícil prender a atenção dos alunos para ensinar teoria se ela não vier acompanhada de uma prática”. (T5)
- “- Deve ser dinâmica, pois muitas vezes o ensino da Língua Portuguesa é considerado monótono, chegando a causar o desinteresse dos alunos, por isso devemos buscar novas metodologias para a sua formação”. (T2)
- “- Dividida em gramática e literatura, contemplando as duas áreas para que os alunos tenham um aprendizado significativo”. (T3)

Sobre o que ensinar na aula de Português, os professores afirmam que a prática do ensino deve estar ligada ao ensino da língua, gramática, literatura, produção de texto, os conteúdos devem estar voltados a programas que envolvam temas transversais, normas que regem a Língua Portuguesa e ensinar a ser um leitor crítico e reflexivo. Ressaltam os professores:

- “- Gramática, literatura e produção textual”. (T6)
- “- Gramática, literatura e principalmente produção textual”. (T3)
- “- Ensinar as normas que regem a Língua Portuguesa, ensinar o aluno a ser um leitor crítico e reflexo”. (T4)
- “- Mesclar gramática, produção textual e dar ênfase a leitura e interpretação, pois este último é fundamental para o aprendizado das outras disciplinas”. (T2)

Entende-se que ao mesmo tempo em que os professores comentam que as aulas de Língua Portuguesa devem ter uma variedade de atividades para o aprendizado, ressaltam que as mesmas devem estar voltadas a gramática, leitura, produção, entre outros. Percebe-se logo de início uma contradição, pois as aulas são importantes, no entanto, servem como instrumentos para o aprendizado, assim é necessária uma diversificação de atividades para

que o aluno a partir da exposição delas possa ter várias possibilidades para o aprendizado significativo.

É a partir das atividades inovadoras que o aluno será “instigado” a aprender da forma que esse aprendizado fique fixo para toda a sua vida, utilizando-o quando necessário for. Quando foi direcionada a pergunta sobre o uso do livro didático e sobre a importância que eles atribuem ao ensino da gramática, encontraram-se os seguintes apontamentos: “O livro didático facilita o trabalho do educador e serve como um norteador do trabalho a ser realizado” (T8). Alguns afirmaram que ele é “essencial e necessário para o professor e para o aluno” (T3), “facilita a aprendizagem do educando” (T6). Em contrapartida de outros professores comentaram que o livro didático “não deve ser o único material a ser adotado e é apenas umas das ferramentas a ser utilizada” (T4). Na concepção da maioria dos professores o livro didático é ferramenta essencial, no entanto, encontra-se aí, um olhar contraditório em relação ao livro didático, ora os professores falam que é ferramenta essencial, ora falam que não deve ser o único instrumento.

Deve-se tomar muito cuidado nessa limitação de conhecimento teórico, ou seja, apoiar-se somente no livro didático como instrumento de ensino. As propostas de ensino têm que ir além da limitação do livro didático, se não os professores acabam não atingindo o ideal, ou seja, o aprendizado do aluno.

Em relação à atribuição ao ensino da gramática, a maioria dos professores ressaltou a importância do estudo gramatical, pois permite o aluno alcançar um patamar e *status* mais elevado na língua, conhecem as regras para aplicar na linguagem, ela é exigida em vestibulares e concursos, favorece a compreensão e produção de textos tanto no cotidiano quando no uso formal. Os professores destacaram o seguinte:

- “- Acho importante o ensino da gramática, pois permite ao aluno alcançar um patamar e *status* mais elevado no uso da língua”. (T8)
- “- A gramática é fundamental, pois auxilia o aluno e o professor no desenvolvimento da escrita”. (T1)
- “- A gramática é muito importante, pois favorece a compreensão e produção de textos tanto no cotidiano quanto no uso formal”. (T4)
- “- Primordial no processo de ensino aprendizagem, pois é através da gramática que o aluno produzirá um bom texto”. (T3)
- “- Ela é importante, pois é exigida em vestibulares e concursos”. (T5)

Alguns professores citaram que “ela deve ser ensinada, mas de forma contextualizada” (T5, T2 e T8), ou seja, que ela seja aplicada de forma a contribuir na vida do aluno e no seu cotidiano. Nesse sentido, verifica-se que o ensino do Português não pode estar atrelado a obtenção das regras gramaticais, mas sim dentro de um processo dinâmico e valorizando

alguns aspectos que colabore na construção do sujeito enquanto construtor da sua história. Ressalta Lopes (1999, p. vi):

O ensino do Português, baseado na tríade falar, ler e escrever, e ainda na dinâmica do sujeito que constrói a história, é mola impulsionadora dessa reflexão. Não se admite um ensino de língua materna desinteressada da vida, completamente impositivo, posto como fardo pesado às costas dos alunos que se aventuram nos caminhos desse aprendizado. Urge um ensino de Português que escape da simples retenção de regras gramaticais, estruturadores do maniqueísmo purista do *certo* e do *errado* da gramática normativa.

O ensino do Português não pode ser um fardo que faça com que o aluno não saia da sua situação atual de ser um simples objeto no mundo, mas que este ensino torne os alunos seres comprometedores com suas vidas e que esteja relacionado nas práticas do seu cotidiano. De nada adianta o aluno conhecer as regras gramaticais para produzir um texto, pois o que vai lhe ajudar nessa construção é o seu conhecimento de mundo, isto é, sua competência linguística.

O ensino da Língua Portuguesa não deve ser um mero objeto de ensino de regras gramaticais, pois se esta for ensinada sem estar ligada à vida cotidiana do aluno, acaba servindo como instrumento de isolamento do sujeito (aluno). A Língua Portuguesa deve direcionar o aluno a ir além da limitação do livro didático e das quatro paredes de sala de aula, deve ajudar o aluno a ser um cidadão, crítico, reflexivo, político e envolvido na sociedade em que está inserido.

Os professores foram questionados também a respeito da relação professor-aluno. Os professores entrevistados relataram ser um fator importante no processo de ensino-aprendizagem, ela ajuda o aluno a superar as dificuldades e contribui na assimilação do conteúdo, permite que o aluno aprenda, já que sente mais confiança no professor. Ressaltaram os professores:

“- Em tudo, para mim é fundamental uma boa relação entre professor e aluno, pois só assim ele terá confiança para fazer questionamentos e tirar suas dúvidas e assim o ensino-aprendizagem fluirá normalmente”. (T5)

“- Pode contribuir no aspecto de assimilar os conteúdos com mais facilidade, pois através de uma boa relação professor-aluno, torna-se fácil superar as dificuldades”. (T3)

“- Faz-se necessário o bom relacionamento entre professores e alunos para que haja um bom andamento nas atividades”. (T6)

A relação professor-aluno é uma grande contribuidora para que o aprendizado ocorra, assim, o professor aproxima os alunos e cria um clima agradável em sala de aula, no qual, os

alunos se sentirão mais a vontade para perguntar, questionar, tirando assim suas dúvidas e contribuindo de forma mais eficaz nas aulas proporcionadas e tornando-as mais produtivas.

Os professores levam em consideração quando preparam as suas aulas o nível linguístico, o conhecimento prévio, contexto, características e opiniões dos alunos. Segundo os professores:

- “- A situação sócio-econômica a qual o aluno pertence e está inserido”. (T8)
- “- Deve levar em consideração o que os alunos já sabem, ou seja, o conhecimento prévio”. (T3)
- “- Deve levar em consideração o conhecimento que o aluno já tem, seus hábitos e realidade em que vive”. (T7)
- “- Deve procurar usar uma linguagem que seja acessível ao aluno e que busque atingir os interesses dele para que possa ser um aprendizado significativo”. (T5)

Nessa perspectiva o real contexto e o meio em que vive o aluno devem ser levados em consideração como ponto articulador e mediador no processo de ensino-aprendizagem, pois se o professor desconsidera esses aspectos acaba se descartando de fatores importantíssimos que implicam na transformação do aluno e posteriormente do meio em que ele vive. O contexto em que o aluno está inserido influencia bastante no aprendizado, se “caso não faça diferença, cabe parar de reclamar da estruturação familiar, da violência, do desemprego, da televisão! Se admitirmos que influencia, urge lembrar que também fazemos parte dele que, portanto, podemos e devemos **interferir**”. (VASCONCELLOS, 2001, p. 125) Nesse âmbito cabe ao professor levar em consideração esse aspecto em sua prática de ensino.

O conhecimento linguístico e prévio do aluno implica na metodologia também do professor, visto que ele para dinamizar mais suas aulas e conseguir a interação da turma, ou seja, a participação de todos, deve ter esses como norteadores no processo de ensino-aprendizagem do Português. Assim, terá ferramentas para reformular suas práticas de ensino, refazendo-as a partir do que não foi assimilado.

Com respeito a questão sobre produção de texto, os professores entrevistados avaliam a produção textual dos seus alunos ruins por não seguirem coesão textual, não conhecerem regras gramaticais e concordâncias, “de forma geral elas se apresentam muito ruins” (T8) e “eles tem muitas dificuldades na produção textual”. (T5)

Segundo os referidos docentes os alunos são avaliados por meio de:

- “- Elaboração de exercícios, seu esforço e participação”. (T2)
- “- Produção textual, coesão textual, regras de concordância e pontuação. Levando em consideração a temática sugerida”. (T3)
- “- Avalio a sequência das ideias de acordo com o tipo de gênero textual trabalhado e a ortografia”. (T6)

É importante salientar que a falta de diferentes atividades e a avaliação não valorizando a participação do aluno acaba desestimulando-o por não encontrar coisas que prendam a atenção e os atraem para a participação.

Quanto ao uso de recursos didáticos e tecnológicos os professores reclamaram que não há materiais acessíveis para a dinamização das aulas. Destacaram os professores:

- “- Atualmente, não contamos com nenhum material que possibilite a dinamização das aulas. A escola possui somente um *Data Show* e nem todos os alunos tem livro didático, sendo necessários fazer um revezamento entre as turmas”. (T8)
- “- Não. Existe somente o livro didático”. (T3)
- “- Poucos. Procuro outros materiais à parte para dinamizar as aulas”. (T2)

É importante ressaltar que os recursos didáticos ou tecnológicos na escola são importantes, porém a falta destes não pode ser desculpa, isto é, obstáculos para que o professor procure dinamizar o máximo possível suas aulas.

A maioria tem participado de formação continuada, por acreditar ser importante para estarem sempre atualizados, destacaram: “sim, sempre estou buscando metodologias que favoreçam o processo de ensino-aprendizagem” (T6), “sim, sempre procuro fazer esses cursos de formação continuada, pois considero muito importante para estar sempre atualizada para enfrentar os desafios na minha prática docente” (T4). A formação continuada é fundamental, pois “os professores, além de bem formados, carecem de atualização constante, para corresponderem às expectativas modernas”. (DEMO, 2012, p. 95)

Segundo os professores entrevistados recebem apoio mínimo da escola para a realização de atividades diversificadas. Ressaltaram os professores:

- “- Falta incentivo e motivação por parte da gestão que muitas vezes não ajuda e nem reconhece nosso trabalho”. (T5)
- “- Apenas através de orientações”. (T2)
- “- O apoio é mínimo da escola. O que realmente recebemos são cobranças”. (T3)

É necessário que a escola, seja, uma colaboradora no processo de formação do aluno, pois ela é uma mola impulsora na construção do sujeito. Neste caso o professor deve tornar a escola sua aliada na contribuição da construção desse sujeito crítico, emancipando-se de forma que apenas os deixam alienados da realidade em que vivem. Por conseguinte, não basta avaliar o aluno, mas o professor deve auto avaliar-se para perceber se não está caindo em uma metodologia que não abrange a real necessidade da sua turma e que de certa forma prejudica a aprendizagem em relação às avaliações.

Destaca Demo (2012, p. 92) quanto à auto-avaliação do professor:

O professor precisa, assim, ser avaliado, não só o aluno. Nesse processo de avaliação deve participar também a comunidade interessada na escola, tendo pelo menos a chance de afastar o incapaz ou inadequado. Como qualquer processo de avaliação, coloca questões sensíveis, duras, complicadas, mas pior é deixar como está, para ver como fica. O professor foge de ser avaliado, porque teme a sanção.

Além da auto-reflexão em relação a sua prática pedagógica a escola deve ser uma aliada deste educador, pois se não há suportes para tornar as aulas mais diversificadas, os professores não terão ferramentas necessárias para colaborar de forma dinamizada na construção da aprendizagem dos alunos, assim “não se pode ficar acusando o professor como se fosse o grande responsável por todas as mazelas da educação [...]”. (VASCONCELLOS, 2001, p. 123)

No entanto, apesar de enfrentar diversas dificuldades e alguns ainda estarem atrelados ao ensino gramatical, acreditam que a prática educativa é algo amplo, na qual o professor não deve exclusivamente estar voltado ao ensino da sua disciplina, mas deve ensinar o aluno para ser um cidadão crítico e atuante na sociedade, transformando o meio em que vive.

Ressalta-se, que acreditar não basta, mas torna-se primordial a prática dessas concepções de transformação educacional, para isso o professor deve criar um ambiente externo e interno de sala de aula que contribua na emancipação e criticidade do aluno diante da situação real da vida.

A partir desse posicionamento o professor abrirá caminhos para que o aluno possa alcançar e produzir conhecimentos, colocando-os em prática no seu cotidiano e nas situações que surgem diariamente. É importante ressaltar a diferença em relação ao tempo de serviço dos professores, variando a atuação em sala de aula entre um (1) ano e meio a vinte (20) anos.

Essa diferença contribui na reflexão das tomadas de práticas de ensino, visto que alguns tiveram em sua graduação uma formação mais tradicional ao qual não existiam várias perspectivas de formas de ensino e que se preservava a formação teórica. Em contrapartida os que se formaram atualmente, entendem que sua graduação procura relacionar a formação teórica com a formação prática, e um dos exemplos que se percebe nas universidades é o estágio supervisionado de observação e regência, além das práticas curriculares, que permite ao futuro professor vivenciar a realidade, obtendo-se assim de conhecimentos prévios para sua futura atuação enquanto educador.

4.2 Em relação aos alunos

Para que a pesquisa seja coerente em seu resultado, os questionários foram feitos com os alunos do Ensino Médio das mesmas escolas dos professores entrevistados, para assim confrontar ou afirmar as respostas dadas por ambos.

A coleta de dados dos alunos foi formada por quarenta (40) alunos do Ensino Médio das Escolas Públicas Estaduais do Município de Humaitá-AM em relação à disciplina de Língua Portuguesa. Sendo que, entre os entrevistados cinco (5) são do sexo masculino e trinta e cinco (35) são do sexo feminino. Todos os alunos que foram entrevistados estão cursando a 3ª série do Ensino Médio e suas idades variam de 16 a 27 anos. Por questões éticas os alunos serão nomeados de S1, S2, S3, S4, S5, S6, S7, S8, S9, S10, S11, S12, S13, S14, S15, S16, S18, S19, S20, S21, S22, S23, S24, S25, S26, S27, S28, S29, S30, S31, S32, S33, S34, S35, S36, S37, S38, S39 e S40.

No que se refere aos questionários respondidos pelos alunos, ficou evidente que todos consideraram o ensino de Língua Portuguesa fundamental e essencial para seu aprendizado como um todo, segundo eles ela é importante:

- “- Por serem cobrados em concursos, vestibulares e entrevistas de empregos”. (S6)
- “- Proporciona o estudo da língua e seus diversos assuntos”. (S17)
- “- Por ser a língua materna e fundamental para uma boa comunicação”. (S20)
- “- Para resolver situações do dia a dia, escrever, falar e ler corretamente”. (S8)
- “- Para se expressar sem medo de errar”. (S1)
- “- Adquirir conhecimentos gramaticais”. (S40)
- “- Porque é uma disciplina que nos proporciona aprendizagem para a vida toda. (S22)

Observou-se que a maioria dos alunos ainda tem uma visão limitada do que o Ensino do Português pode proporcionar, pois se mostra grande relevância na aprendizagem do Português para a aplicabilidade de concursos, vestibulares e regras gramaticais, não se atendo as mudanças ocorridas aos mesmos. Essa visão limitada se dá pela prática de ensino proporcionada em sala de aula. O professor precisa repensar na sua prática para que não se torne mero transmissor de conteúdos e que estes não sirvam para a vida dos alunos.

Segundo Antunes (2003, p. 108):

A propósito deste “que fazer”, gostaria de lembrar que o professor parece estar acostumado a esperar que lhe digam o que ele tem que fazer. Como a tradição era seguir à risca, lição por lição, os livros didáticos, o professor “aprendeu” a não “criar”, a não “inventar” seus programas de aula. O conhecimento que ele “passava” e “repassava” era sempre produzido por outra pessoa, não por ele próprio. Nesse

contexto, de fato, o que sobressai é um professor “transmissor de conhecimento”, mais precisamente, de “conteúdos”. [...] O professor precisa ser visto (inclusive pelas instituições competentes) como alguém que, *com* os alunos (e não *para* os alunos), pesquisa, observa, levanta hipóteses, analisa, reflete, descobre, aprende, reaprende.

Percebe-se que os alunos esperam professores de propostas renovadoras em sala de aula para que se atinjam com mais eficácia o processo de aprendizagem. Nessa perspectiva, é necessário que o professor seja o sujeito que constrói junto com os alunos e lhes proporciona oportunidades para que o contexto em sala de aula tenha um caráter inovador, não se apegando as velhas e tradicionais aulas que não levam os alunos a refletirem e se questionarem da situação real da qual se encontram.

Os alunos entrevistados foram questionados sobre “gostar de estudar Português”. A maioria respondeu que sim, pois “colaborará na vida profissional” (S25), e “para produzir bons textos e porque será utilizada na vida social” (S29). A minoria que respondeu que não gostam foi pelo aspecto de ser “uma disciplina difícil e complexa” (S31) e “por conter muitas regras gramaticais” (S36). Destaca-se mais uma vez o aspecto gramatical, não por não ser importante, mas pela forma de como é contextualizado e ensinado.

O ensino não deve se formar a partir de uma descontextualização, ou seja, de nada vale focar-se em aplicar frases isoladas e sem sentido para o aluno e, que não tenha nenhuma aplicabilidade social, pois isso denota numa fuga da realidade. Nesse sentido necessita-se que os professores de Português trabalhem com uma gramática que realmente esteja de acordo com o contexto social do qual o aluno está inserido, porque “a gramática existe não em função de si mesma, mas em função do que as pessoas falam, ouvem, lêem e escrevem nas práticas sociais de uso da língua”. (ANTUNES, 2003, p. 88)

Quanto às respostas dos alunos em reflexão sobre de como devem ser as aulas de Português, constatou-se que eles se preocupam com as variedades de atividades como: “trabalho com dinâmicas” (S15), “aulas práticas (trabalho de campo)” (S14), “o uso de tecnologias” (S13), “que sejam interativas” (S16), “trabalhar com novas literaturas e escritores atuais” (S9), “seminários e produção textual (S7), “o professor deve ter domínio do conteúdo e que tenham bastantes leituras” (S6)

Percebeu-se que os alunos têm diversas necessidades em relação a atividades diferenciadas, pois como eles mesmos afirmaram que a teoria é importante, mas deve sempre estar relacionada à prática. Não funciona mais aquela prática de ensino em sala de aula do qual o professor é simplesmente o transmissor de conteúdo, e no processo do qual o aluno apenas houve, mas deve criar situações para que ocorra a interatividade e a participação.

Também deve se obter de recursos que possam ser eficazes e o ajudem na mediação de conteúdos que colaborem de forma significativa na aprendizagem.

Outro fator para colaborar nesse processo é a pesquisa, pois o professor enquanto pesquisador tende a contribuir na articulação e na produção de conhecimento enquanto intervenção da realidade. O professor vai se dar conta dessas variedades de atividades citadas pelo aluno a partir do processo de pesquisa, pois ela contribuirá na dinamização emancipatória do ser enquanto sujeito atuante, levando em consideração que toda teoria requer uma prática que seja útil no dia a dia. Em relação à pesquisa pode-se contestar que em nenhum momento os professores quando relacionado à preparação de suas aulas e as prática das mesmas, levaram esse ponto em consideração.

Alguns alunos encontram dificuldades na aprendizagem do Português, segundo eles, “isso varia muito e depende da metodologia do professor” (S40), “porque o professor não dá exemplos do cotidiano” (S39), “se o professor é dinâmico e tem uma boa relação com os alunos, facilita o processo de aprendizado” (S3). E que se tratando do trabalho da diversidade de gêneros, “todos os professores praticam e trabalham em sala” (S27)

Por isso é essencial a relação das atividades ao cotidiano do aluno, porque leva o mesmo a dar sua colaboração de forma mais significativa no processo da aprendizagem. As aulas não podem ser meros espetáculos, e cabe aí mais uma vez a intervenção do professor, este que é peça fundamental para a construção positiva do aprendizado. Não basta propor aulas sucessivas de Português, não basta utilizar conteúdos quantitativos, pois, tudo vai depender da metodologia do professor que deve proporcionar a interatividade do conteúdo com o aluno para que a produtividade ocorra de forma mais eficaz e positiva.

Quanto à questão sobre a relação professor-aluno, os alunos entrevistados mostraram ser “um item importante para a boa aprendizagem do aluno, pois me sinto mais seguro para tirar as dúvidas (S13), “interesse-me mais pela disciplina” (S14), “respeito mais o professor” (S16), “sinto-me mais motivado em suas aulas” (S17), “as aulas se tornam mais divertidas e o aprendizado acontece” (S18), “as aulas se tornam menos cansativas e monótonas” (S1). Cunha (1989, p. 69-70) levanta essas reflexões:

Entre as expressões usadas estão “é amigo”, “compreensivo”, “é gente como a gente”, “se preocupa conosco”, “é disponível mesmo fora da sala de aula”, “coloca-se na posição do aluno”, “é honesto nas observações”, “é justo” etc. essas são expressões evidenciam que a idéia de BOM PROFESSOR presente hoje nos alunos de 2.º e 3.º graus passa, sem dúvida, pela capacidade que o professor tem de se mostrar próximo, do ponto de vista afetivo. É interessante observar que é quase impossível, a não ser para fins didáticos e de pesquisa, tentar depurar, distinguir

atitudes do professor que se referem especificamente a este lado da relação professor-aluno.

É a partir de relação afetiva que o professor abre perspectivas para que o aluno se aproxime tanto de sua disciplina quanto dele para que ocorra um aprendizado mais alicerçado e construtivo. Vale lembrar que a afetividade é um ponto fundamental para que a motivação para o aprendizado ocorra, e que ela ajuda na aproximação tanto professor-aluno quanto do aluno-professor.

No que diz respeito ao perfil do professor de Português, eles responderam que:

- “- O professor deve ser dinâmico”. (S1)
- “- Ele deve estar preparado no conteúdo que vai ministrar”. (S6)
- “- Deve ter postura e respeite o aluno”. (S13)
- “- O professor deve ter uma boa relação com os alunos”. (S19)
- “- Seja compreensivo”. (S22)
- “- Que cobre nas horas que se exija cobrança”. (S34)
- “- Trabalhe assuntos atualizados”. (S4)
- “- Compreenda a realidade dos alunos e daqueles que tem mais dificuldades em aprender”. (S15)

O professor dos dias atuais deve estar aberto às grandes renovações que ocorrem no processo de ensino, renovações estas que transcorrem em novas tomadas de posições a metodologias a serem utilizadas. Pela grande dinamicidade de alunos em sala de aula, isto é, a heterogeneidade presente em sala, o professor deve estar atento ao que os alunos já trazem de seu ambiente de convívio, sejam familiares, amigos, outros. E é importante ressaltar o grande processo tecnológico presente nos dias atuais, o qual tem grande interferência no aprendizado dos alunos, este deve ser ferramenta utilizada pelo professor, já que os alunos estão em pleno contato com eles.

Tudo isso deve ser reflexo para que o professor se coloque sempre num processo de aprendiz, que esteja sempre disposto a renovar suas práticas de ensino e quebrando velhos paradigmas. Diante das questões, ainda percebeu-se por parte dos professores em alguns momentos que a visão de prática de ensino está limitada na gramática, e em contrapartida na visão dos alunos o que se exige enquanto perfil do professor de Português nos dias atuais é que ele realmente esteja atento às mudanças e que com essas, possa se pôr num processo de um método de ensino diferenciado, atendendo as necessidades da realidade atual.

Essas reflexões fazem com que se pense na hipótese do que realmente serve o ensino do português, quais as práticas e metodologias que são aplicadas em sala de aula, quais os

conteúdos trabalhados e de que forma são trabalhados. Por isso tem que pensar sempre no que realmente as aulas de português devem proporcionar.

Portanto, na busca de respostas, precisa-se pensar diante das exposições dos alunos e professores, o perfil adequado para o professor de Língua Portuguesa, e quais os procedimentos essenciais para que este novo professor em pleno século XXI precisa “ser” e de como “ser” para que o aprendizado, o ensino, as aulas de português, sejam eficazes na vida dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todas as observações feitas, compreendeu-se que o ensino da Língua Portuguesa pode colaborar muito na formação integral do aluno, desde que o professor utilize métodos de ensino-aprendizagem, baseadas no contexto histórico, na intertextualidade e, que leve em consideração o trabalho e respeito com a linguagem.

Nas entrevistas constataram-se perfis de professores de Língua Portuguesa presos a velhos sistemas de ensino e que não colaboram na formação integral do aluno, ainda é necessário renovações de práticas e tomadas de atitudes que ajudem de forma constante e satisfatória o processo de ensino-aprendizagem. Além disso, observou-se nas respostas dos alunos essa mesma visão, nesse sentido, os alunos necessitam e se encontram sedentos de práticas que são inovadoras e que contribuam verdadeiramente no aprendizado.

De forma geral a pesquisa mostrou a grande necessidade de ações que possam contribuir na construção de um ensino renovador, e para isso necessita-se da adoção de uma nova postura do educador de Língua Portuguesa diante das diversas mudanças ocorridas na sociedade, promovendo no aluno o desenvolvimento e a competência linguística e literária do ensino da Língua Materna.

No entanto, deve este educador da Língua Materna atentar para as mudanças ocorrentes na sociedade e acompanhá-las, pois não pode ficar estático diante dos acontecimentos. O perfil do professor dos dias atuais não deve ser mais o mesmo de um século passado. Torna-se vital que este educador colabore na emancipação de seu educando, e que enxergando uma nova realidade possa atuar de forma efetiva.

Sabe-se que a educação escolar tem grande teor político, tanto na transformação e no desenvolvimento das pessoas e da sociedade. É necessário e há uma grande necessidade de uma educação e de educadores que se comprometam efetivamente com a transformação social, e para que isso ocorra torna-se fundamental rever as práticas de ensino da língua.

Em suma, ensinar significa estar em um processo constante de construção do conhecimento, haja vista que o mesmo se faz em pesquisas constantes, avaliação da prática, comprometimento com o educando. Nessa condição, diante dos vários limites nela embutidos, o educador é convidado a provocar um ensino que leve à disciplina a não ser estagnada, mas aquela que é feita na inquietude, na dúvida que instiga. Uma educação que seja interferência profunda na sociedade.

Portanto, é dentro desse contexto que, o professor de Língua Portuguesa deve desencadear o processo de ensino, diagnosticando as necessidades dos alunos e conhecendo a múltiplas realidades presentes em sala de aula. Só dessa forma estará colaborando na formação integral do aluno, ou seja, na formação de cidadãos críticos, conscientes, participantes e autores das próprias vidas e das transformações sociais eminentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro & interação**. 8ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação lingüística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática**. 18ª ed. Campinas, SP: Papirus, 1989.

DEMO, Pedro. **Desafios modernos da educação**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

_____. **Desafios modernos da educação**. 18. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

FLÔRES, Onici Claro (Org.). **Ensino de língua e literatura: alternativas metodológicas**. Canoas: Ed. Ulbra, 2001. 199 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido.** 47ª ed. Editora: Paz e terra, Rio de Janeiro, 2008.

LUFT, Celso Pedro. **Língua e liberdade: por uma nova concepção da língua materna.** 8ª ed. – São Paulo: Ática, 2008.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Doa-se lindos filhotes de poodle: variação lingüística, mídia e preconceito.** São Paulo: Parábola, 2005.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** – 22ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos, 1956 – **Para onde vai o Professor? Resgate do Professor como Sujeito de Transformação.** 8ª ed. São Paulo: Libertat, 2001.

ANEXOS

De: Claudimar Paes de Almeida e Viviane Braz Nogueira

Para: (Nome do gestor (a)) (Gestor (a) da Escola Estadual (nome da escola))

Assunto: Solicitação de autorização para realização de pesquisa para TCC de Graduação no Curso de Letras de Humaitá-AM.

Eu, Claudimar Paes de Almeida, aluno do Curso de Letras da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, sob número de matrícula 20800274 e orientado pela **professora Ms. Viviane Braz Nogueira** venho por meio deste solicitar autorização da Escola Estadual Patronato Maria Auxiliadora para realização da coleta de dados na turma da 3ª série do Ensino Médio para o Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação “O PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA: O PERFIL DO EDUCADOR DIANTE DAS TRANSFORMAÇÕES NO ENSINO DA LÍNGUA MATERNA”.

O objetivo desta pesquisa é contribuir para uma reflexão a respeito do perfil do professor de Português diante das mudanças no ensino da Língua Materna.

Na certeza de poder contar com o vosso apoio e colaboração, colocamo-nos à disposição para eventuais esclarecimentos ou informações adicionais através do telefone: (97) 8100-6414/(97)8122-3379) ou pelos e-mails claudimarpaes@hotmail.com e vivianebrasnogueira@bol.com.br, bem como antecipadamente agradecermos e apresentarmos nossos protestos de elevado apreço e distinta consideração.

Humaitá, 16 de julho de 2013.

Claudimar Paes de Almeida
Graduando em Letras

Viviane Braz Nogueira
Orientadora de TCC

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título Do TCC: O PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA: O PERFIL DO EDUCADOR DIANTE DAS TRANSFORMAÇÕES NO ENSINO DA LÍNGUA MATERNA.

Pesquisador/Graduando UFAM: CLAUDIMAR PAES DE ALMEIDA

Endereço: Rua São Francisco, nº 1439 – Bairro: São Francisco.

Cidade: Humaitá-AM

CEP: 69.800-000

Fone: (97) 8100-6414

E-mail: claudimarpaes@hotmail.com.br

Eu, _____, aluno (a) da Escola Estadual (nome da escola), matriculado (a) na 3ª série do Ensino Médio estou sendo convidado (a) a participar de uma pesquisa para o TCC de graduação intitulada “O PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA: O PERFIL DO EDUCADOR DIANTE DAS TRANSFORMAÇÕES NO ENSINO DA LÍNGUA MATERNA”, cujo objetivo é contribuir para uma reflexão a respeito do perfil do professor de Português diante das mudanças no ensino da Língua Materna.

A minha participação no referido estudo será no sentido de responder um questionário para uma análise de questões relacionadas à disciplina de Língua Portuguesa.

Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, será mantido em sigilo.

Também fui informado (a) de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e de, por desejar sair, não sofrerei qualquer prejuízo.

Enfim, tendo sido orientado (a) quanto ao teor do todo aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo da já referida pesquisa, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

_____, ____ de _____ de 2013.

Aluno (a) Pesquisado (a)

Msc. Viviane Braz Nogueira

Orientadora de TCC

Claudimar Paes de Almeida

Pesquisador/Graduando UFAM

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do TCC: O PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA: O PERFIL DO EDUCADOR DIANTE DAS TRANSFORMAÇÕES NO ENSINO DA LÍNGUA MATERNA.

Pesquisador/Graduando UFAM: CLAUDIMAR PAES DE ALMEIDA

Endereço: Rua São Francisco, nº 1439 – Bairro: São Francisco.

Cidade: Humaitá-AM

CEP: 69.800-000

Fone: (97) 8100-6414

E-mail: claudimarpaes@hotmail.com.br

Eu, _____, professor (a) da Escola Estadual (nome da escola) estou sendo convidado (a) a participar de uma pesquisa para o TCC de graduação intitulada “O PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA: O PERFIL DO EDUCADOR DIANTE DAS TRANSFORMAÇÕES NO ENSINO DA LÍNGUA MATERNA”, cujo objetivo é contribuir para uma reflexão a respeito do perfil do professor de Português diante das mudanças no ensino da Língua Materna.

A minha participação no referido estudo será no sentido de responder um questionário para uma análise de questões relacionadas à disciplina de Língua Portuguesa.

Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, será mantido em sigilo.

Também fui informado (a) de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e de, por desejar, não sofrerei qualquer prejuízo.

Enfim, tendo sido orientado (a) quanto ao teor do todo aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo da já referida pesquisa, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

_____, ____ de _____ de 2013.

Professor (a) Pesquisado (a)

Msc. Viviane Braz Nogueira

Orientadora de TCC

Claudimar Paes de Almeida

Pesquisador/Graduando UFAM

Entrevista TCC – para o professor

Dados pessoais:

Sexo: () masculino () feminino

Idade: _____

Escola em que atua: _____

Nível de ensino da escola: () Ensino Fundamental () Ensino Médio ()
Ensino Fundamental e Ensino Médio

Instituição: () pública () particular () pública e particular

Tempo de Serviço como professor de Língua Portuguesa: _____

- 1) Na sua opinião, como deve ser a aula de Língua Portuguesa?
- 2) O que ensinar na aula de Português?
- 3) O que você acha do uso do livro didático?
- 4) Que importância você atribui ao ensino da gramática?
- 5) Em que a relação professor-aluno pode contribuir para a aprendizagem dos alunos?
- 6) O que o professor de Português deve levar em consideração quando prepara as aulas e quando ensina?
- 7) Como você avalia a produção textual e as avaliações dos seus alunos?
- 8) Existem materiais acessíveis para a dinamização da aula de Português?
- 9) Você tem participado de cursos de formação continuada? Descreva a importância desses cursos na sua formação profissional?
- 10) Recebe apoio da escola? De que forma?
- 11) O que você entende por prática educativa?

Entrevista TCC – para o aluno

Dados pessoais

Sexo: () masculino () feminino

Idade: _____

Escola que estuda: _____

Nível de ensino: () Ensino Fundamental () Ensino Médio

Em que tipo de instituição que estuda: () pública () particular

- 1) Você considera importante o ensino da disciplina de Língua Portuguesa? Explique:
- 2) Você gosta de estudar Língua Portuguesa? Por quê?
- 3) Na sua opinião como devem ser as aulas de Língua Portuguesa?
- 4) Você tem facilidade ou dificuldade de aprendizagem do Português ensinado em sala de aula?
- 5) O professor de Português trabalha constantemente com textos de diversos gêneros?
- 6) A boa relação entre professor-aluno contribui para o aprendizado do Português? Por quê?
- 7) Quais as características que o professor de Português deve ter para ensinar com mais facilidade?